

Sobre a qualificação estética do objeto, ou da graça e da dignidade
Matheus Gorovitz – Julho de 2003



Sobre a qualificação estética do objeto, ou da graça e da dignidade
Matheus Gorovitz – Julho de 2003

*“A motivação para se fazer um bom projeto
é a mesma de se continuar vivendo,
a suposição de que, em algum lugar escondido,
há uma forma melhor de fazer as coisas”*

Harry Bertoia

Enredo

A relação *sujeito* e *objeto* – almas gêmeas, são protagonistas indissociáveis, um não vive sem o outro –, verdadeira história de amor. O sujeito necessita do objeto para se conhecer – encontrar-se – construir sua subjetividade. O objeto, por sua vez, sem o sujeito para lhe dar um sentido, qualificá-lo como *objeto de conhecimento*, será sempre um objeto qualquer – desqualificado. A trama é sintetizada por Marx: “Só em objetos reais, sensíveis, pode o sujeito exteriorizar a vida [...]. A obra de arte – e, do mesmo modo, qualquer outro produto – cria um público sensível à arte e capaz de sentir prazer com a beleza. Por conseguinte, a produção não cria apenas um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto”.

Como bom cupido, o *juízo* promove o encontro do sujeito com o objeto. Mas atenção, é necessário um juízo verdadeiro e não a *opinião* ou a *conjectura*, manifestações infundadas ou irrefletidas (doxa). O juízo é sempre um posicionamento por *reflexão* sobre uma *relação*, afirmando ou negando um valor. Só ele propicia ao

sujeito, enquanto conhecimento verdadeiro, de natureza científica (episteme), a reunião dos dados desconexos da experiência num fato significativo. E *reflexão* é movimento de retorno a si mesmo.

O sujeito que julga, ao julgar *adequado* (bom) *ou não*, *verdadeiro ou falso*, *belo ou feio*, qualifica o objeto como *utensílio*, *evidência histórica* ou *obra de arte*. O objeto assim qualificado, por sua vez, exterioriza a *consciência volitiva*, *teórico-cognitiva* ou *sensível* do sujeito. De quebra, é um significante – veicula um significado – e, enquanto *linguagem* permite ao sujeito se comunicar. Lembra Marx: “A linguagem é a consciência real, prática, e a linguagem nasce, como a consciência, da carência, da necessidade de intercâmbio entre os homens”.

Cenário

Uma cadeira elétrica, o trono de Napoleão, a cadeira Barcelona e, no pano de fundo, a tela “Cadeira de Van Gogh com cachimbo”. Estes artefatos protagonizam, alternativa ou concomitantemente, *objetos de conhecimento* prático, lógico ou sensível – *utensílio*, *fato histórico*, *obra de arte*.



Cadeira elétrica

Ao ajuizá-la, o sujeito *prático* valoriza o *utensílio* – um desempenho –, a relação do objeto com uma finalidade técnico-utilitária, e esta é sempre de natureza contingente – relativa – pode ser diferente do que é. A cadeira elétrica é *adequada* para executar um condenado, não para trabalhar ou descansar.



Trono de Napoleão

O sujeito *lógico* ajuíza o valor histórico do objeto. O vínculo com um fato verídico, necessário – não pode ser diferente do que é – impera a relação de causa e efeito.



Cadeira de Van Gogh com cachimbo (dezembro de 1888)

O sujeito *sensível*, ao julgar *belo* o objeto, atribui um valor (universal) inferido de um objeto (particular). O juízo de gosto se baseia nas relações intrínsecas à obra que, compondo um sistema plástico, coerente, formativo e inexaurível – na sua inteireza tangível, enquanto totalidade – autoriza o modo hermenêutico de recepção da obra, a garantia de interpretações infinitas e não arbitrárias por parte do sujeito.

A tela de Van Gogh é estruturada por relações de dissonância: proximidade/distância; estabilidade/instabilidade; cor/linha; ausência/presença; vazio/lugar. Estas antinomias consubstanciam, na lógica de paradoxos, a tensão entre a sensação de *equilíbrio* e de *colapso*. Nos reiterados conflitos de termos distintos, opostos e igualmente ativos, o artista expressa a aporia – os impasses e contradições insuperáveis da relação entre o eu e o mundo.

Mediante “puro trabalho e cálculo”, ao exteriorizar a “Tristeza da extremada solidão [...]”. As terríveis paixões humanas com o vermelho e o verde”, reinstaura, pela práxis artística, o diálogo tão ardentemente perseguido.



Cadeira Barcelona (1929) – Mies Van der Rohe,
reúne a condição de utensílio, produto histórico e obra de arte.

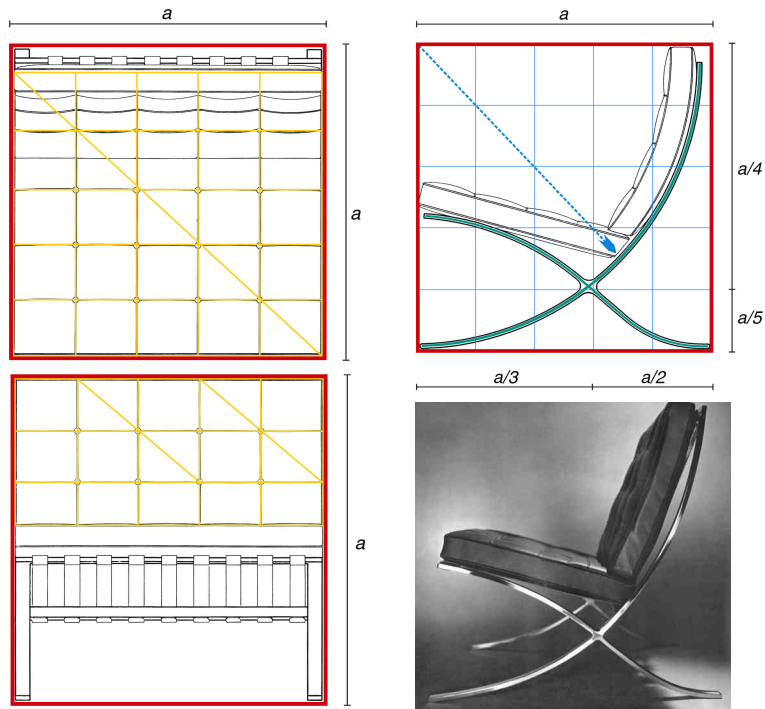
Cadeira como utensílio, produto histórico e obra de arte – objeto de conhecimento prático, lógico e sensível



Sella Curulis cunhada em moeda comemorativa dos feitos do imperador Tibério.

Enquanto utensílio, a cadeira Barcelona responde às determinações funcionais de caráter técnico utilitário – solidez e conforto – a curva suave do espaldar e a inclinação do assento convidam a se recostar. Enquanto manifestação histórico-cultural, a forma é tributária das determinações que lhe dão origem – é um produto. Mies Van der Rohe desenha uma cadeira destinada especificamente a mobiliar o Pavilhão Alemão na Feira Mundial de 1929 em Barcelona. Não aproveita as que já havia desenhado; a nova cadeira requer caráter solene e monumental, condizente com a representatividade de um pavilhão nacional, celebrativo de valores coletivos. Mies adota como referência a Sella Curulis, cadeira de estado da antiga Roma, emblema de poder imperial.

Enquanto *obra de arte*, livre de predestinações, impera o caráter volitivo – a intenção plástica. O objeto é estruturado por *conexões plásticas* que articulam as partes entre si e com o todo, constituindo um conjunto auto-suficiente. Através da simetria, euritmia, comodulação e do traçado regulador, artifícios plásticos de conectividade, a cadeira Barcelona expressa duplo caráter – *graça e dignidade*.



simetria eurritmia comodulação traçado regulador

Fatores de proporcionalidade – conexões plásticas

Recapitulando

Juízos práticos ou lógicos são *heterônomos* – a exterioridade determina a lei; os fatores considerados são extrínsecos ao objeto arbitrado, *contingentes* ou *necessários*, dependendo de sua valoração enquanto *utensílio* ou *produto*. Juízos de gosto são *autônomos* – a lei é auto-instituída, autonomia manifestada em presença de uma totalidade concreta, as relações intrínsecas ao objeto. A decisão é assumida na ausência de uma razão prática ou lógica; o objeto não é aferido pelo valor prático-utilitário – a capacidade de satisfazer uma necessidade particular pré-determinada – nem se alicerça em valores estabelecidos a priori, conceituais, éticos ou os que, sedimentados pela tradição, passam a ser consensuais. Diferencia-se ainda do discernimento de natureza teórico-cognitiva, fundamentado em relações necessárias – de causa e efeito. No juízo de gosto, o sujeito estabelece os parâmetros de avaliação de modo autônomo – livre. O caráter libertário subjacente ao juízo de gosto é apontado por Rousseau: “Liberdade é obedecer a uma lei por nós mesmos imposta”. Schiller reconhece esta vocação na *Educação estética do homem*: “mostrarei que para resolver na experiência o problema político é necessário caminhar através do estético, pois é pela beleza que se vai à liberdade”; e menciona o *belo* e o *sublime* como modos de expressar a consciência da liberdade:

Em presença do belo, nós nos sentimos livres, porque os instintos sensíveis se encontram em harmonia com as leis da razão. Em presença do sublime, nós nos sentimos livres, porque os instintos sensíveis não têm nenhuma influência sobre a jurisdição da razão, porque então é o espírito puro que age em nós como se não fosse submisso à nenhuma outra lei senão às suas próprias.

A estética do *belo* expressa a liberdade pela *graça* encarnada nas figuras do *amante* ou do *amigo*. A estética do *sublime* expressa a liberdade pela *dignidade*, personificada na figura do *herói*. O sentimento de liberdade é privilégio de amantes e heróis que têm em comum o gesto voluntário, deliberado e desinteressado – *livre*. No

amor e no heroísmo não há coerção, por isto se diferem da relação entre servo e senhor – dependentes estes um do outro.



Graças
(pormenor da Primavera de Boticelli)

Graça

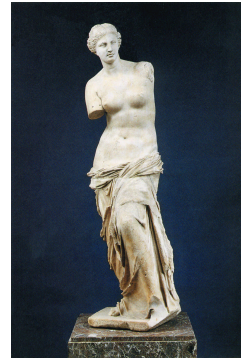
“Aquele a quem os fados concederam
um amigo ter, um amigo ser
O que achou uma doce companhia
venha conosco em júbilo cantar”
(Schiller – Ode à alegria – 9ª Sinfonia de
Beethoven)



Vitória de Samotrácia

Dignidade

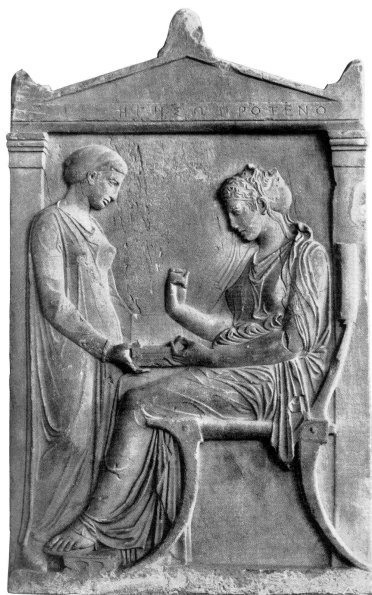
“Exultante como herói
em busca da glória”
(Schiller – Ode à alegria)



Vênus de Milo

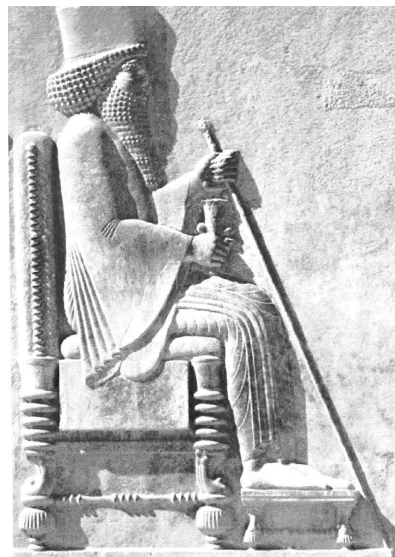
Graça e Dignidade

“O estado da bela aparência, onde encontrá-lo?
onde o sujeito não necessita ofender
a liberdade alheia para afirmar a sua,
nem desprezar a dignidade para mostrar a graça”
(Schiller – Educação estética do homem)



Graça – espírito de sutileza – belo

Euritmia – harmonia na mobilidade, leveza, elegância, fluidez e proximidade expressam a *graça*, os sentimentos que emanam da sociabilidade afável, da afetividade, do prazer desinteressado de dar, receber e retribuir. A graça inspira afeto, corresponde à estética do belo.



Dignidade – espírito de geometria – sublime

Simetria – precisão da medida, geometria do ângulo reto. A contenção e o distanciamento expressam o sentimento da dignidade, nobreza de intenção, estoicismo e temperança diante do imponderável, da paixão incontida, da adversidade. A dignidade inspira respeito, corresponde à estética do sublime.

Espírito de sutileza / espírito de geometria

A cadeira “MR 10” de Mies Van der Rohe, valendo-se dos mesmos recursos e possibilidades técnicas e de materiais da cadeira “B 33” de Marcel Breuer, traduz caráter distinto. Mies introduz a curva que imprime movimento, leveza, delicadeza e graça; contrasta com o caráter contido e sóbrio, resultante da geometria do ângulo reto. Numa, o caráter é sensorial, prevalece a sutileza; noutra, é intelectual, prevalece a medida.



Mies Van der Rohe (1928)



Marcel Breuer (1927 – 1928)

Austeridade e afabilidade à guisa de conclusão

A poltrona desenhada por Marcel Breuer (1921) pela geometria elementar, o cubo, o quadrado, o ângulo reto, a autonomia das partes e simetria imprime caráter conciso, comedido, sólido, massivo e estável, sugerindo postura altiva, solene, digna. É para sentar ereto; como um trono basta uma, requer distanciamento – celebra a *dignidade* – inspira respeito. Prevalece o “esprit de géometrie”.

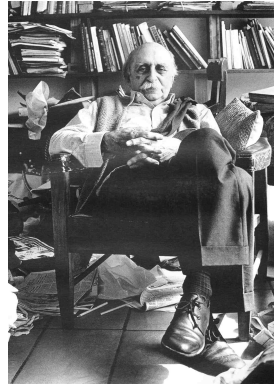


Marcel Breuer – Poltrona para a casa Sommerfeld, 1921



“Poltroninha Lucio Costa”, 1960

A “Poltroninha Lucio Costa” (1960) é coloquial, esbelta, o espaldar se acomoda convidando ao repouso, à descontração; as extremidades adelgaçadas dos apoios conferem leveza. Boa para conversar, requer seu par – um interlocutor –, é afável, aproxima. Prevalece o “esprit de finesse” – espírito de sutileza – graciosidade.



A figura de Louis-François Bertin retratado por Ingres (1832) e a foto de Lucio Costa acomodado na poltrona de sua autoria têm caracteres distintos. “Vive la différence”.